

BATORÉO, Hanna, Angelina PIRES, Isabel MACEDO & Margarida CASADINHO. 2006. 'Claro como água!' – Contribuição para a tipologia lexical dos verbos de movimento em água (AQUA-Motion). *Actas da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: XXII Encontro Nacional da APL. 127-140.

Versão pré-publicação

'Claro como água!' – Contribuição para a tipologia lexical dos verbos de movimento em água (AQUA- Motion)

*Hanna Jakubowicz Batoréo, Angelina Pires, Isabel Macedo e Margarida Casadinho**

Universidade Aberta, Lisboa

1. Problema

As línguas naturais caracterizam-se não apenas por apresentarem estruturação bem definida e previsível ao nível da Gramática e das suas gramáticas específicas, mas também por diferirem de um modo estruturado tanto ao nível do seu léxico como ao da conceptualização do mundo a ele inerente, conforme têm vindo a defender os estudos de Leonard Talmy (Talmy, 1975, 1985 e 2000) e, na sua senda, entre outros, os de Newman (Newman, 1997 e 2002) (cf. bibliografia final).

No que diz respeito à expressão do Espaço, por exemplo, defende-se que se podem definir padrões tanto de lexicalização como de interacção entre o cognitivo e o linguístico em que a expressão das relações espaciais se estrutura em interdependência que existe entre as características linguísticas da Causatividade, Transitividade e do Aspecto com os factores cognitivos do Modo e do Percurso em que o Movimento é efectuado (cf. Batoréo, 2000: 356 e ss.).

No princípio do nosso século, na sequência desta vaga dos estudos em Linguística Cognitiva, tem vindo a surgir nova investigação que pretende determinar regularidades estruturais do funcionamento das línguas em que se defende que a estrutura do léxico apresenta regularidades em função dos factores de conceptualização funcional da actividade humana, tais como, por exemplo, o tipo de ambiente em que o movimento é efectuado. Tendo em conta este parâmetro, distingue-se, em termos latos, entre o movimento efectuado no meio aéreo, aquático ou terrestre. Assim, por exemplo, Lander, Maisak & Rakhilina (2005), sendo posteriormente seguidos por Divjak &

* O presente texto reflecte uma fase inicial do trabalho de investigação desenvolvida sob a orientação da primeira autora, no âmbito do Mestrado em Estudos de Tradução, na Universidade Aberta, onde as restantes autoras estão a desenvolver os seu projectos conducentes à elaboração das respectivas dissertações de mestrado.

Lemmens (2007) e Arad (2007), defendem que o movimento efectuado em água (e, por extensão, em qualquer tipo de líquido) – designado em termos genéricos por *AQUA-motion* – pode ser definido em termos estruturais em função de marcos específicos tais como a Figura em movimento, o Fundo em relação ao qual a Figura se desloca, o carácter activo/passivo do movimento, existência de contacto entre os dois, etc.

Com base nos dados provenientes de mais de 30 línguas pertencentes a famílias distintas do ponto de vista tipológico, Lander, Maisak & Rakhilina (2005) propõem que no âmbito do léxico *AQUA-motion* se distingam, prototipicamente, três domínios lexicais: (i) os verbos de movimento activo, do tipo NADAR (*verbs of SWIMMING*), (ii) de movimento passivo, do tipo FLUTUAR (*verbs of FLOATING*) e (iii) os verbos de movimento efectuado pelas embarcações e por quem nelas se desloca, do tipo NAVEGAR (*verbs of SAILING*).

Se, na maioria das línguas estudadas por estes autores (cf. Maisak & Rakhilina, 2003; Lander, Maisak & Rakhilina, 2005), a distinção dos três domínios lexicais acima apresentados parece ser regra, idiomas há que apresentam sistemas tipológicos mais ricos, com subdivisões mais especializadas dos respectivos três domínios gerais distinguidos ou, pelo contrário, mais pobres, em que as distinções prototípicas são neutralizadas em graus e formas diferentes. Comparem-se, assim, segundo os mesmos autores, as línguas como o Persa, Tamil, Mandinka ou Híndi, em que a distinção dos três domínios lexicais acima apresentados parece ser regra, com o Coreano, em que a especificação dos domínios é mais pormenorizada, ou com as línguas eslavas, em que, pelo contrário, ocorre neutralização (parcial) das oposições prototípicas (cf. Batoréo, 2007).

O Português é referenciado pelos autores acima citados como uma das línguas que mantém prototipicamente a divisão em três domínios base. Na área de NADAR faz-se, curiosamente, referência a verbos dicionarizados, mas praticamente caídos em desuso ou de uso muito restrito como por exemplo ‘*sobrenadar*’ ou ‘*sobreaguar*’. No que diz respeito ao domínio de NAVEGAR, cita-se o Português como uma língua que apresenta basicamente – além de dispor dos verbos de emprego raro, tal como ‘*singrar*’ e ‘*marear*’ – um sistema mais especializado com o verbo geral de carácter neutral ‘*navegar*’ a contrastar com um específico ‘*velejar*’, verbo que refere concretamente, e tal como o nome indica, o movimento efectuado por embarcações navegadas à vela. No domínio de FLUTUAR, cita-se também o Português como um idioma que distingue entre o movimento passivo efectuado com a corrente, no caso do verbo ‘*flutuar*’, e o movimento passivo efectuado à superfície, com o verbo ‘*boiar*’.

No entanto, uma observação mais atenta dos usos actuais efectivos dos verbos acima apresentados, efectuada sobretudo com base nos *corpora* linguísticos disponibilizados electronicamente (cf. Referências), demonstra especificidades do Português Europeu de que a apreciação global dos autores citados acima não dá conta.

Com base no nosso estudo prévio (Batoréo, 2007) e tendo por fim a contribuição efectiva, baseada no uso do Português Europeu, propomos uma série de parâmetros sintáctico-semânticos e cognitivos para a caracterização e tipologia da área *AQUA-motion* que, a seguir, passamos a discutir em secções orientadas tematicamente:

- (i) os paradigmas de lexicalização do Percurso típicos do Português (a contrastar com o paradigma da lexicalização do Modo, típica p. ex. do Inglês) (v. secção 2);

- (ii) a natureza da Figura em movimento: o seu carácter [+/- Hum.] e/ ou [+/- Anim.] (v. secção 2);
- (iii) o carácter do movimento efectuado pela própria Figura (v. secção 2 e 3):
 - carácter activo vs. o movimento passivo (falta de carácter volitivo);
 - dirigido vs. não-dirigido ou difuso;
- (iv) o Fundo do meio líquido (v. secção 3) entendido quer como
 - um contentor do espaço fechado;
 - a superfície do meio líquido;
- (v) os processos de metaforização (metáfora e metonímia conceptuais) dentro da área *AQUA-motion* (v. secção 4);
- (vi) usos específicos, restritos e/ou fixos (v. secção 5).

2. Paradigmas de lexicalização, a Figura em movimento e o carácter da deslocação

Segundo a tipologia de Talmy (1985) (cf. Batoréo [1996] 2000), o Movimento em Português lexicaliza o Percurso da sua deslocação, sendo por conseguinte natural usar-se o exemplo 1, lexicalizando o Movimento e o Percurso, e não o exemplo 2 (salvo raríssimas excepções de contextos muito marcados), em que a lexicalização é feita a nível do Movimento e do Modo:

(1) *O João atravessou o rio **a nado**.*

(2) ?? * *O João **nadou** através do rio.*

Repare-se, no entanto, que noutras línguas, como por exemplo no Inglês, a lexicalização padrão é efectuada a nível do Movimento e do Modo (e não do Percurso), sendo, por conseguinte, natural usar-se o exemplo (4) e questionar (ou, mesmo, rejeitar-se) o (3):

(3) ?? (*) *John crossed the river **swimming**.*

(4) *John **swam** across the river.*

No entanto, os exemplos em (5) do tipo NADAR mostram que existem restrições quanto à prototipicidade da construção lexicalizada típica do Português Europeu.

(5)(a) *Os cavalos/ os peixes **nadam** no mar, no rio, no lago.*

(b) *Os cavalos/ *os peixes atravessam o rio **a nado**.*

(c) *Os cavalos/ *os peixes vão a nado para a outra margem.*

Os exemplos acima apresentados pertencentes ao domínio do NADAR levam-nos a distinguir dois verbos ‘nadar’, com a mesma estrutura argumental, mas diferenciados pela conceptualização do movimento em água: num caso ela é feita havendo imersão total e, no segundo, registando-se, apenas, imersão parcial. Observemos, portanto, que enquanto tanto os homens como outros animais **nadam na água** (no sentido de *nadar1*, cf. ex. 5a), só os seres que não vivem prototipicamente na água – como os homens, os ursos ou os cavalos – a **atravessam a nado** (no sentido de *nadar2*, cf. ex. 5b). Os dois casos distinguem-se pela conceptualização do movimento que lhe é subjacente: se no primeiro caso, conceptualizamos a Figura como imersa no Fundo (sendo este constituído por um contentor de água), no segundo, o movimento é efectuado à superfície do contentor aquático, sem imersão total e com o objectivo de a Figura não se afogar. Por conseguinte, as Figuras inerentemente aquáticas, tal como peixes, só aceitam o primeiro paradigma, isto é, o *nadar1*, e rejeitam o segundo, isto é, o *nadar2*,

tal como demonstram os exemplos em 6a e 6b em contraste com as construções perifrásticas em 6 (c) – (f):

- (6) (a) *Os peixes nadam no rio.*
(b) * *Os peixes nadam através do rio.*

Mas:

- (c) *Os peixes atravessam/ sobem/ descem o rio.*
(d) * *Os peixes atravessam/ sobem/ descem o rio a nado.*
(e) *Os peixes atravessam/ sobem/ descem o rio a nado.*
(f) *Os peixes vão pelo rio acima/abaixo.*

3. Movimento efectuado e o Fundo do meio aquático

Observe-se, a seguir, o movimento efectuado no domínio do FLUTUAR (movimento passivo), tal como exemplificado em (7):

- (7) (a) *Os peixes/ os corpos mortos flutuam no rio.*
(b) *As folhas que caíram flutuam na poça da água.*
(c) *A mancha de petróleo flutua no mar.*
(d) *As crianças aprenderam a boiar, mas ainda não sabem nadar.*
(e) *Os cubos de gelo flutuam/ bóiam na sopa.*
(f) *Depois do acidente a jangada ficou à deriva durante três dias.*

Conforme demonstram os exemplos acima e, por conseguinte, contrariando as propostas das fontes teóricas inicialmente citadas, a distinção entre os usos específicos referentes ao movimento neste domínio não se situa ao nível do movimento passivo efectuado com a corrente em ‘flutuar’ e em cima da superfície da água (para não se afundar) em ‘boiar’, criando-se o contraste de ‘flutuar’ vs. ‘boiar’ (Lander, Maisak & Rakhilina, 2005). Esta oposição parece situar-se, antes, entre a conceptualização do movimento passivo à superfície da água em ‘flutuar 1’ = ‘boiar’ (cf. exemplos de (8) a (11)) vs. o movimento passivo dentro da água em ‘flutuar 2’ (cf. exemplos (12) e (13)), o que obriga a distinguir, pelo menos, dois verbos ‘flutuar’ diferentes: ‘flutuar 1’ e ‘flutuar 2’, em que ‘flutuar 1’ ≠ ‘flutuar 2’:

- ‘flutuar 1’ = ‘boiar’ (superfície da água)
- (8) *Os peixes flutuam/ bóiam no rio.*
(9) *Os corpos mortos flutuam/ bóiam no rio.*
(10) *As crianças aprenderam a flutuar/ a boiar, mas ainda não sabem nadar.*
(11) *Os cubos de gelo flutuam/ bóiam na sopa.*
- ‘flutuar 2’ ≠ ‘boiar’ (dentro da água)
- (12) *Os submarinos flutuam/ * bóiam nas águas fundas dos oceanos.*
(13) *Os peixes flutuam/ * bóiam nas águas fundas dos oceanos.*

A contrastar com os exemplos atrás apresentados, observe-se, agora, o domínio do NAVEGAR, onde o próprio verbo ‘navegar’ é o mais frequente e o mais rico em termos da tipologia de ocorrências¹. Na esmagadora maioria dos casos (noventa e seis por cento), os usos do verbo ‘navegar’ deixam transparecer um movimento das embarcações tanto físico como metafórico, e, metonimicamente, o movimento de quem

¹ Das 2559 ocorrências observadas, apenas quatro por cento são constituídas por expressões fixas, das quais as mais frequentes são ‘a arte de bem navegar’ e ‘navegar é preciso’.

as dirige e de quem nelas se desloca. O movimento efectuado pode ser não orientado explicitamente, como em (14)² ou, então, direccionado preferencialmente rumo a um ponto Alvo ou seguindo um eixo pré-determinado, como no exemplo (15). Prototipicamente, o Fundo do movimento é o mar, enquanto a Figura é mais agentiva quando se reveste do traço [+ Humano] (exemplo 16), mas com menor grau de agentividade, pelo emprego da metonímia, quando se trata de embarcações (exemplo 17).

(14) *'E navegando nós com este determinação por este arquipélago de ilhas adiante, como neste tempo não levámos piloto, por nos ser morto na briga passada, e os ventos nordeste nos eram ponteiros e as águas corriam muito contra nós, bordejámos às voltas, de um rumo no outro, vinte e três dias com assaz trabalho, no fim dos quais prouve a Nosso Senhor que vimos terra...'* [Ext. 247871 (clt, 93b)]

(15) *'«Cabral não andou pelo oceano sem rumo. Seguiu um regime de ventos e instruções que recebeu de Vasco da Gama», defende Justo Guedes que fez, de helicóptero, «à altura do cesto de gávea de uma das naus, a expedição de Cabral» e descobriu que o avistamento do monte Pascoal, como Pêro Vaz de Caminha o descreve na carta que escreveu a D. Manuel, só podia ter sido feito, com uma armada, navegando naquela direcção.'* [Ext. 480505 (clt, 98a)]

(16) *'Diz-se então que os galeões espanhóis chegavam a navegar seguindo o ruído dos cardumes de tartarugas migratórias que subiam à superfície para respirar e Cristóvão Colombo baptizou um grupo de ilhas do Caribe com o nome de Las Tortugas – as Tartarugas, hoje Ilhas Cayman – devido ao seu elevado número.'* [Ext. 307800 (nd, 91a)]

(17) *'Quando um piloto português dos inícios do sec. XVI pretendia navegar na direcção Norte-Sul e se desviara desse rumo durante algum tempo, precisava de saber quanto se tinha afastado, em distância, da rota pretendida.'* [Ext.622874 (nd, 95a)]

Os exemplos (14) – (17) atrás citados apontam para coincidências no agrupamento das características do movimento traduzido pelo verbo 'navegar' de direccionalidade/não-direccionalidade e características [+/- Humano] da Figura do movimento. Assim, no exemplo (14), o movimento não é orientado espacialmente, correspondendo a uma deslocação genérica no meio aquático e sendo a Figura um Agente humano. No caso (15), o movimento é mais "técnico", efectuado metonimicamente por embarcações (dirigidas pelos humanos) que se deslocam nas águas de um modo mais orientado. No entanto, 'navegar' pode surgir também ao referir uma deslocação sem rumo, efectuada à deriva, conforme podemos observar em (18):

(18) *'E também num barco, que navega para lado nenhum.'* [Ext. 93175 (nd, 91a)] Neste caso, a tripulação não existia, pois o barco soltara-se acidentalmente da amarra e ficara a navegar à deriva.

² Todos os exemplos a seguir apresentados provêm do *corpus CETEMPúblico*, inserido na *Linguateca*, com excepção dos exs. 36 e 37, conforme devidamente indicado.

4. Processos de metaforização

Os usos metafóricos variam de verbo para verbo. No caso do verbo ‘*nadar*’, por exemplo, que, no nosso entender, abrange o ‘*nadar1*’ e o ‘*nadar2*’, conforme atrás proposto, o uso metafórico ocupa apenas cinco por cento da totalidade dos empregos observados³.

No entanto, este grupo surge fortemente estruturado, privilegiando usos fixos, fortemente enraizados no uso da língua imerso socialmente. Observe-se, assim, que existe uma expressão que parece privilegiada no meio das outras; trata-se de ‘*nadar em dinheiro*’ (e de outras expressões sinónimas com referência à riqueza como, por exemplo, ‘*nadar em ouro/ luxo/ notas de mil/ divisas/ riquezas*, etc.)⁴. Destas, praticamente dois terços surgem em construções sintáctico-semânticas negativas ‘*não nadar/ sem nadar em dinheiro*’, referindo neste caso o contrário da riqueza, isto é, a falta de verbas, conforme atestado nos exemplos de (19) a (24):

(19) *a nova RDP que anda a nadar em dinheiros públicos* ... (Ext. 61553)

(20) *para uma federação que não nada em dinheiro* (Ext. 224716)

(21) ... *numa Secretaria de Estado que não nadava em dinheiro* .. (Ext. 663467)

(22) ... *sem nadar em dinheiro, a associação apresenta (...) um ponto de vista original* (Ext. 95762)

(23) .. *é que eu não ando a nadar em notas de mil* ... (Ext. 800394)

(24) ... *mas não gosta de nadar em riquezas*... (Ext. 900951)

Como os usos metafóricos variam de caso para caso, verbos há em que a metaforização desempenha um papel muito mais importante do que no caso acima apresentado. Observe-se, por exemplo, o verbo ‘*flutuar*’ que parece particularmente surpreendente⁵, já que mais de dois terços dos seus empregos são conceptualizados metaforicamente. É de notar, também, que esta riqueza não tem carácter homogéneo, dividindo-se a área em dois domínios principais: o de movimento físico ocorrido no meio aéreo como resultado de projecção metafórica efectuada a partir do meio aquático e o de movimento abstracto, podendo este assumir carácter muito diversificado (cf.

³ Das 3260 ocorrências do verbo ‘*nadar*’ registadas no *CETEMPúblico*, foram registados 159 usos referentes a usos metafóricos, o que constitui cerca de cinco por cento da totalidade dos usos observados, em contextos como ‘*nuvens macias nadam através do céu azul*’, ‘*oito actores que nadam nas águas cómico-sérias*’, ‘*nadar nas águas melo-antunistas*’ (do nome do político Melo Antunes), ‘*os portugueses nadam no mito como peixes na água*’ etc. Tal como os dois últimos exemplos atestam, o sentido metafórico de ‘*nadar*’ provém do carácter metafórico do Fundo ‘*as águas*’ (p. ex., ‘*as águas cómico-sérias*’, ‘*as águas melo-antunistas*’) a que o movimento se refere.

⁴ Esta expressão é muito frequente, com 32 ocorrências, o que equivale a vinte e um por cento das 159 extensões metafóricas registadas.

⁵ De entre 887 ocorrências do verbo ‘*flutuar*’ registadas no *CETEMPúblico*, observamos apenas 244 usos de carácter físico (o que constitui 27,5% da totalidade) e 584 usos de carácter metafórico (o que perfaz 67,83%).

contextos em baixo de (b) a (g) a contrastar com o (a) físico: económico, financeiro, social, cultural ou político). Repare-se, também, que o uso de expressões fixas é igualmente frequente, conforme se observa, por exemplo, na área financeira, onde mais de 17 por cento das ocorrências verificadas são da conceptualização ‘*moeda a flutuar*’.

(a) Contexto físico:

(25) ‘*Subitamente um barco patrulha começa a mover-se a grande velocidade em direcção a uma pequena mancha indistinta que **flutua** na água.*’ (Ext. 453522)

(26) ‘*Nos rios de margens destruídas pela erosão **flutua** uma variedade infinita de barcos, alguns de velas triplas que parecem saídos de um quadro dos Descobrimentos.*’ (Ext. 642142)

(b) Contextos ambíguos – físico e/ou abstracto:

(27) ‘*Seja no México, onde metade da população vive na miséria, ou no Brasil, a maré crescente do investimento estrangeiro não é capaz de pôr todos os barcos a flutuar.*’ (Ext. 550970)

(c) Meio aéreo:

(28) ‘*Só a palavra desnorte servia ontem ao Zaire, em cuja segunda cidade, Lubumbashi, já **flutua** a bandeira dos rebeldes.*’ (Ext. 17286)

(29) ‘*O astronauta Mike Foale **flutua** no espaço, centenas de quilómetros acima da superfície da terra, durante o passeio espacial de quase cinco horas do lado de fora do vaivém Discovery.*’ (Ext. 477724)

(d) Social:

(30) ‘*Era, era muito duro esse **flutuar** ora pelas planícies, ora pelas serras, de quarto alugado em quarto alugado.*’ (Ext. 606173).

(e) Abstracto- música:

(31) ‘*Musicalmente tem fases de apaziguamento, em que parece **flutuar** ao acaso entre o oceano e a estratosfera, de que o caso mais flagrante é o tema de abertura “O”*’ (Ext. 1475293)

(f) Abstracto – política:

(32) ‘*... Sampaio pretendeu dizer aos lisboetas, e ao país, que não abandonava nenhum barco sem que ele tivesse todas as tábuas bem pregadas, para poder **flutuar**.*’

(g) Abstracto – finanças:

(33) ‘*Em Lisboa, o marco/escudo abriu no nível dos 102,05/15 e **flutuou** numa banda muito apertada, entre 101,10 e 102,15 durante a sessão de ontem.*’ (Ext. 12612)

A mesma riqueza de metaforização se pode observar no caso de outros domínios. Assim, no caso da área NAVEGAR, e do verbo ‘*navegar*’ em particular, existem usos que apontam claramente para uma deslocação no espaço, sendo este espaço referenciado, por exemplo, enquanto meio aéreo ou terrestre na sua acepção física (contexto (a) e (b) em baixo). Outros usos apontam, no entanto, para o movimento abstracto, efectuado em diversas áreas: na política (contexto (c)), na vida social (contexto (d)) ou no ciberespaço (contexto (e)):

(a) Meio aéreo:

(34) *‘O laser será apontado para Terra durante oito dias consecutivos, devendo para isso o Discovery **navegar** durante esse tempo com as portas do seu porão abertas de par em par.’* [Ext. 252767 (clt-soc, 94b)]

(b) Meio automobilístico:

(35) *‘E nesta luta à parte dos demais, só entre os protótipos, foi o japonês Masuoka (Mitsubishi), quem melhor **navegou** e se desenvencilhou das areias.’* [Ext. 220994 (des, 96a)]

(c) meio político:

(36) *‘Quer levar a oposição a **navegar** no mar alto, contra um governo que navega à vista de costa.’* [Natura/ Público anotado, versão 3.3., Ext. 21122]

(d) meio social:

(37) *‘Andamos a **navegar** em águas turvas, sem sabermos quando vamos chegar ao cliente.’* [DiaCLA, anotado v. 1.3, Ext. DL-N1626-2]

(e) ciberespaço:

(38) *‘Por 40 dólares à hora, **navega** nas ondas do ciberespaço para outras pessoas com dificuldades de entender aquele espaço virtual’.* [Ext. 219301 (clt-soc, 95a)]

(5) Usos específicos, restritos e/ou fixos.

Em todos os domínios, embora em percentagem muito variável, podemos observar empregos específicos que, frequentemente, tomam forma de conceptualizações fixas e, até, de expressões linguísticas de carácter fixo. Observe-se, a este respeito, o verbo ‘*nadar*’, que – tal como tivemos oportunidade de verificar não apresenta frequentes empregos metafóricos –, mas no qual mais de dez por cento das expressões metafóricas utilizadas são constituídas pela letra de uma cantiga rap: ‘*as gravuras não sabem nadar, ioou!*’ e das suas variantes. A citação faz alusão a uma acesa e relativamente recente polémica na sociedade portuguesa entre políticos e ecologistas acerca da construção de uma barragem que iria submergir pinturas rupestres. Quando esta expressão se refere a objectos ou conceitos, trata-se de uma conceptualização de perigo e da necessidade de protecção das entidades que se sentem ameaçadas, a fim de – tal como as pinturas rupestres originais – não se “afogarem” (cf. exemplo (39)). Pelo contrário, aplicada aos humanos, a mesma expressão é indicadora de ignorância ou mesmo de estupidez de quem não conhece as regras do jogo ou não domina os códigos de conduta vigentes (cf. exemplo (40)).

(39) *‘ a Constituição não sabe nadar, iôu...’* (Ext. 226008)

(40) *‘ ... qualquer coisa como – gracejou então – “é careta quem partilha seringas” ou “quem partilha não sabe nadar, iôu”.’* (Ext. 258883)

Em suma, é interessante verificar que, embora só cinco por cento da totalidade das ocorrências do verbo ‘*nadar*’ sejam metafóricas, destas cerca de um terço é constituído por expressões de carácter fixo, de alto grau de fixidez. Assim, conforme mostram os exemplos acima, as metáforas em discussão só podem ser descodificadas por aqueles que partilham o universo de referência em questão, de carácter social, político e/ou cultural, isto é, o conhecimento enciclopédico que nenhum dicionário de língua faculta e que falantes não-nativos ou falantes de outras variantes do Português têm dificuldade em decifrar.

Noutros domínios, a ocorrência de fixidez pode assumir características totalmente distintas. Assim, por exemplo, no caso do domínio do NAVEGAR, os verbos menos prototípicos, e portanto com frequência muito reduzida – tal como ‘velejar’, ‘singrar’ e ‘marear’⁶ – apresentam quase exclusivamente usos restritos, com características específicas. Observe-se, por exemplo, que o emprego do verbo ‘singrar’ (exemplo (41)), quando aplicado num contexto físico, ocorre no domínio das ciências náuticas, restringindo-se, por isso mesmo, a um núcleo específico de usos. Trata-se de empregos sem grande visibilidade percentual⁷.

(41) ‘*Quatro galeões de sal do Sado e uma lancha poveira disputaram a 4ª Regata dos Galeões do Sal, de Lisboa a Setúbal, comemorando o fim da exposição «Assim se Navega(va)», na FIL, que lembrou a história das embarcações tradicionais evocando os barcos que **singravam** e **singram** o mar e os estuários portugueses.*’ [Ext. 131695 (des, 92b)]

A contrastar com os usos restritos, a grande maioria das ocorrências do verbo ‘singrar’, isto é, noventa e um por cento, verifica-se em contextos metafóricos do tipo ‘singrar na vida’, ‘singrar nos circuitos profissionais’, etc., nos quais surge como sinónimo de, ‘progredir’, ‘prosseguir’ ou, até, ‘vencer’ (exemplo (42))⁸.

(42) ‘*O ano de 1995 apresenta-se decisivo para avaliar as possibilidades de André **singrar no circuito profissional**, embora os títulos nacionais continuem na mira do jovem jogador.*’ [Ext. 267430 (des, 95a)]

À semelhança do verbo ‘singrar’, a utilização do verbo ‘marear’ parece ter caído em desuso pelo menos no que diz respeito à sua utilização produtiva. As 35 ocorrências observadas no *corpus* remetem para um meio muito específico e restrito de ciências náuticas, surgindo em construções fixas, como em ‘*cartas de marear*’ (15 casos), ‘*a arte de bem marear*’ (6 casos), ‘*marear as velas*’ (4 ocorrências) e ‘*mestre de marear*’ (cf. exemplos de (43) a (46)). Sob o ponto de vista metafórico, temos apenas duas em 32 ocorrências, o que equivale a seis por cento do total (cf. ex. 46).

(43) ‘*Estar rodeado de mar, evocar a epopeia dos descobrimentos e a arte de bem marear não chega para se sonhar com a conquista das provas que se avizinham.*’ [Ext. 360323 (des, 92b)]

(44) ‘*Ele é hoje um dos mestres de marear com os botes que outrora serviram para enfrentar os cachalotes e que agora estão adaptados a extraordinárias regatas a remos e à vela.*’ [Ext. 138355 (nd, 94a)]

(45) ‘*Às 16h00, o Roxane ultrapassava o cabo Espechel a uma velocidade de 6.4 nós (cerca de 12Km/h) e a rotina de marear a vela-balão e timonear em perfeita harmonia com a ondulação do mar absorvia toda a atenção a bordo.*’ [Ext. 13150448 (des, 93b)]

⁶ Foram verificadas 156 ocorrências do verbo ‘velejar’, 151 de ‘singrar’ e 35 de ‘marear’.

⁷ Em 151 casos, apenas 14 têm aceção física, o que equivale a nove por cento da totalidade das ocorrências do verbo ‘singrar’.

⁸ Nestes, das 137 ocorrências metafóricas do verbo ‘singrar’, 135 são da expressão ‘singrar na vida’, o que perfaz 98,5 %.

(46) *'da literatura infanto-juvenil, da sociologia e do ensaio. Um guia para começar a sua colecção de cartas de **marear** na Internet (...)'* [Ext. 1470522 (clt-soc, 95a)]

Conforme atestam os exemplos apresentados na classe dos verbos do tipo NAVEGAR, o próprio verbo *'navegar'* ocupa um lugar prototípico tanto pela frequência como pela multiplicidade de usos atestados, sendo estes quer físicos, desenvolvidos no meio aquático prototípico, quer metafóricos, em meios diversos tanto físicos como abstractos. Os verbos periféricos, no entanto, parecem restringir os seus usos quer ao domínio físico quer ao abstracto. Assim, o verbo *'velejar'* surge nos contextos físicos específicos, referindo a navegação à vela, enquanto o *'marear'*, a navegação nos mares, ocorrendo sobretudo em construções cristalizadas da língua. Pelo contrário, o verbo *'singrar'* ocorre maioritariamente na metáfora do verbo *'vencer'*, referindo a vitória sobre as adversidades da vida.

5. Discussão dos dados, conclusões e algumas pistas para o estudo futuro

No presente estudo procurámos demonstrar que existem factores indispensáveis para a melhor caracterização do movimento do tipo *AQUA-motion*. Para tal, apontámos seis parâmetros e passámos a discuti-los nas secções subsequentes: (i) os paradigmas de lexicalização do Percurso típicos do Português (secção 2); (ii) a natureza da Figura em movimento (secção 2); (iii) o carácter do movimento efectuado pela própria Figura (secção 2 e 3); (iv) o Fundo do meio líquido (secção 3); (v) os processos de metaforização dentro da área *AQUA-motion* (secção 4) e (vi) usos específicos, restritos e/ou fixos (secção 5).

A investigação apresentada parece confirmar a divisão tripartida da área de *AQUA-motion* no âmbito do Português, tal como inicialmente proposta pelos autores Lander, Maisak & Rakhilina (2005). No entanto, as três classes de verbos não parecem estanques, existindo a possibilidade de se substituírem os membros de uma classe pelos de outra (*'nadar'*/ *'flutuar'*/ *'navegar'*), bem como os membros da mesma classe entre si (*'flutuar'*/ *'boiar'* e *'singrar'*/ *'navegar'*), acontecendo isto sobretudo nos contextos genéricos, quer físicos quer metafóricos. Vejam-se, por exemplo, em baixo os contextos do verbo *'navegar'* nos exemplos de (47) a (50) e a possibilidade de serem substituídos por *'nadar'*, *'flutuar'* e/ ou *'boiar'*, apontando para a deriva semântica no sentido da neutralização do sentido específico de cada um destes itens lexicais:

(47) *Há anos que o fenómeno é visível para qualquer pessoa que percorra aqueles locais; periodicamente, lixos vários, mas, sobretudo, embalagens de plástico, **navegam** ao sabor das vagas e vêm deposita-se nas praias entre Caminha e Viana do Castelo.* [Ext. 661763 (soc, 97a)]

(48) *'Pelo contrário, uma das mais graves ameaças que pesa sobre a sobrevivência dos mares é gerada em terra e corre pelos canos de esgotos, é levada pelas águas das chuvas ou **navega** nos rios.'* [Ext. 924970 (soc, 98a)]

(49) *'Melhor ainda: colocar uma máscara com um tubo e assistir, como se estivesse ao ar livre, às voltas e reviravoltas dos peixes em redor do corpo, as minúsculas algas a **navegar** ou – porque não há bela sem senão – descobrir aqui e ali desperdícios lançados por humanos menos cívicos.'* [Ext. 1125447 (soc, 93a)]

(50) *'Pior ainda: como professora (vade retro, Satanás) dava aos alunos mais velhos noções básicas de educação sexual e mostrava-se tão desconfiada que mandou analisar a água que se consumia na escola, não andassem por lá bichos de peste a **navegar**.*' [Ext. 1030407 (clt, 93a)]

Se, por um lado, a deriva semântica aponta para a generalização do sentido, tal como observado acima, por outro, verificámos a ocorrência de multiplicidade de sentidos (polissemia) dos verbos mais prototípicos em cada uma das classes. Por conseguinte, é possível, por exemplo, falarmos de verbos *flutuar*1 e *flutuar* 2, bem como de *nadar*1 e *nadar*2 de acordo com critérios cognitivos e/ou linguísticos.

A todas as três classes é também comum o fenómeno de metaforização, afigurando-se vários níveis desta operação. O primeiro tipo de projecção é efectuado entre o meio aquático e o meio abstracto, podendo tratar-se da metaforização de carácter social, político, económico ou financeiro, enquanto o segundo tipo de projecção ocorre entre o meio aquático e o meio aéreo ou terrestre (v. o verbo '*navegar*'), na sua conceptualização física.

Na sequência do estudo efectuado e a partir dos resultados obtidos, é possível, também, apontar algumas pistas de investigação futura na área. A primeira destas vertentes prende-se com o estudo do movimento efectuado noutra meio líquido (por extensão do meio aquático) tal como p. ex., em: '*o bacalhau **nada** em azeite*', etc. Observem-se, aqui, os exemplos (51) - (57), com destaque especial para o uso frequente no âmbito da culinária (55) - (57).

(51) *"...Várias testemunhas assinalaram ontem grupos de focas a **nadar no meio do manto de hidrocarbonetos** e mostravam preocupação pela sorte das cerca de..."* (Ext 41333)

(52) *"Não gosto de **nadar em xarope**."* (Ext 77757)

(53) *"**Nadando em sangue**?"* (Ext 99349)

(54) *"Uma análise cromossómica às células fetais que **nadam no líquido** permitem detectar a doença no feto."* (Ext 1500278)

(55) *"O «creme de caranguejos» era um caldo pouco apurado, em que **nadavam** uns bocados do que parecia ser carne das patas de santola; a «sopa do dia» era um creme de espargos de pacote, com a agravante de estar cheio de grumos"* . (Ext 106834)

(56) *"Bacalhau não faltava e experimentou-se o assado à Capote: bem demolido e grelhado, esfiado grosseiramente e a **nadar em azeite quente**, coberto por rodela de cebola..."* (Ext 292021)

(57) *"... surge amêijoas, das cristãs, do Alvor, grandes e cheias, a **nadar num molho leitoso** e saborosíssimo de mar, alho, coentros e azeite; segue-se uma feijoada de buzinas."* (Ext 344587)

No que diz respeito ao processo de metaforização, destaquem-se, igualmente, as extensões para o movimento físico, como, p. ex., nas situações em que estas extensões são feitas através de (ou em relação a) uma substância não-líquida, como em: '***nadar na roupa larga***'.

Outras pistas para a investigação futura prendem-se com a necessidade de verificação da pertinência da distinção de um domínio novo, até à data não estudado, do tipo **-MERGIR**, tal como se verifica nos verbos '*emergir*', '*imersão*' ou '*submergir*'.

Parece ser, igualmente, pertinente a delimitação das suas restrições de uso, bem como a pertença deste subgrupo a uma (ou mais?) classes dos verbos do tipo *AQUA-motion*⁹.

Outra pista, na área em estudo, aponta ainda para a possibilidade de se verificar o emprego dos verbos gerais de movimento, sobretudo dos deícticos ‘*ir*’ e ‘*vir*’, bem como do verbo locativo ‘*estar*’, que ocorrem com frequência em expressões perifrásticas não lexicalizadas, com um certo grau de fixidez, como em: ‘*vir à superfície*’, ‘*ir até ao fundo*’ ou ‘*vir ao de cima*’.

Referências

- Arad, Maya (2007) Some aspects of the Hebrew verb *saxah* (swim). In Maisak & E. Rakhilina (2007) *Glagoly dvizenija v vode: leksiceskaja tipologija*, Moscovo: Indrik, 498-508.
- Atkins, Sue & Charles Fillmore (2000) Describing polysemy : the case of crawl. In Yael Ravin & Claudia Leacock (eds.) *Polysemy: Linguistic and Computational Approaches*. Oxford: Oxford University Press.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2000) *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Coleção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2007) Expressão do Movimento em Água (*AQUA-motion*) em Português Europeu: Contribuição para tipologia lexical. *Revista de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro* (a publicar).
- Bybee, Joan (1985) *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam: Benjamins.
- Bybee, Joan; R. Perkins & W. Pagliuca (1994) *The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago.
- Kibrik, A.E. (1998) Does intragenetic typology make sense? In W. Boeder et al. (eds.) *Sprache im Raum und Zeit: in memoriam Johannes Bechert*. Tübingen: Narr, Bd. 2: Beiträge zur empirischen Sprachwissenschaft.
- Koch, Peter (2001) Lexical typology from a cognitive point of view. In M. Haspelmath et al. (eds.) *Language Typology and Language Universals: An International Handbook*. Berlin: de Gruyter, pp.1142-1178.
- Lander, Y.; T., Maisak & E. Rakhilina (2005) Motion in a liquid medium (*AQUA-motion*): towards lexical typology, Institute for Oriental Studies, Russian Academy of Sciences, ms. www.hf.ntnu.no/scl/abstracts/lander.pdf
- Maisak, T.& E. Rakhilina (2003) Tipologija sistem glagol'noj leksiki: dvizenie w vode. In *Gramaticheskije kategorii: ierarxii, svjazi, vsajmodejstvie*, St. Petersburg.
- Newman, J. (ed.) (1997) *The Linguistics of Giving*. Amsterdam: Benjamins.
- Newman, J. (ed.) (2002) *The Linguistics of Sitting, Standing and Lying*. Amsterdam: Benjamins.
- Talmy, Leonard (1975) Semantics and Syntax of Motion. In John P. Kimball (ed.), 1975, *Syntax and Semantics*, vol.4, New York: Academic Press.

⁹ Para a sua pertinência aponta, sobretudo, o seu nível de frequência: no *CETEMPúblico* surgiram 2268 ocorrências do verbo ‘*emergir*’, 224 ocorrências de ‘*imergir*’ e 1320 de ‘*submergir*’.

- Talmy, Leonard (1983) How Languages Structures Space. In Pick & Acredolo (eds), *Spatial Orientation: Theory, Research and Application*, New York: Plenum Press.
- Talmy, Leonard (1985) Lexicalisation Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms. In T. Shopen (ed.) *Language Typology and Syntactic Description*, vol. III, *Grammatical Categories and the Lexicon*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Talmy, Leonard (2000) *Toward a Cognitive Semantics*, 2 vols., Cambridge: The MIT Press
- Wierzbicka, Anna (1991) *Cross-cultural Pragmatics: the Semantics of Human Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Wierzbicka, Anna (1992) *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts in Culture-specific Configurations*. New York: Oxford University Press.

CORPORA

- Centro de Linguística da Universidade de Lisboa => [<http://www.clul.ul.pt>]
- Instituto Camões => [<http://www.institutocamoes.pt/escritores/camoes/lusiadas.htm>]
- Linguateca => [<http://www.linguateca.pt/>]
- Corpus: *CETEMPúblico* 1.7 anotado 2.0
- Corpus: *Natura/Publico* anotado v. 3.3
- Corpus: *Natura/Diário do Minho* anotado v. 2.4
- Corpus: *FrasesPP* anotado2 v. 4.2
- Corpus: *Corpus DiaCLAV* anotado v. 1.3
- Corpus: *Corpus Avante!* anotado v. 1.3
- Corpus: *Corpus CoNE* anotado v1.0
- Corpus: *Corpus ClassLPPE* anotado v.1.0
- Corpus: *Museu da Pessoa* anotado v1.0
- Corpus: *Corpus CONDIVport* anotado v1.0